



# Educar Mulheres e Meninas

Por Barbara Herz

Os benefícios de educar mulheres e meninas – para países, famílias e para as próprias meninas – são tão substanciais que alguns economistas, incluindo Lawrence Summers, antigo presidente da Universidade de Harvard e antigo diretor do Conselho Económico Nacional do presidente Obama, afirmou que educar meninas pode ser o único investimento de mais elevado retorno disponível nos países em desenvolvimento. Educar as meninas não só estimula o crescimento económico, mas também melhora o bem-estar das mulheres e dá-lhes mais atuação nas suas comunidades e nos seus países.

## Quais são alguns dos benefícios?

■ **Maiores rendimentos:** Estudos do Banco Mundial concluem que, em geral, mais um ano de ensino primário para além do meio termo aumenta o eventual salário de uma pessoa de 5% a 15% em média, geralmente com maiores recompensas para as meninas do que para os rapazes. Mais um ano de ensino secundário para além do meio termo aumenta o eventual salário de uma pessoa de 15% a 25%, mais uma vez com maiores acréscimos em geral para as meninas do que para os rapazes.

■ **Crescimento económico mais rápido:** A educação de homens ou mulheres conduz, em geral, ao crescimento económico. Aumentar o número de mulheres com ensino secundário aumenta o crescimento



Um programa comunitário na Turquia incentiva as famílias a enviarem as filhas à escola.

© Mark Downey/Lucid Images/Corbis

do rendimento per capita, e também permite avançar para a paridade no número de anos de instrução para meninas e rapazes.

■ **Melhor nutrição:** Um estudo que abrangeu 63 países, realizado pelo Instituto Internacional de Investigação sobre Política Alimentar, concluiu que mais

instrução feminina tinha como resultado melhores práticas agrícolas, o que contribuiu para cerca de 40% do declínio da desnutrição de 1970 a 1995.

■ **Bem-estar familiar:** Educar as meninas é a via mais segura para que hajam famílias mais pequenas, mais saudáveis, melhor educadas.

As mulheres passam mais tempo a cuidar dos filhos do que os homens. Os estudos concluem que os recursos que as mulheres controlam vão ajudar mais diretamente a família do que os recursos controlados pelos homens. Quanto mais educação uma mulher tem, mais provável é que ela consiga ter um rendimento maior, o que irá beneficiar a sua família. Além disso, quando as mulheres são educadas, elas e os seus maridos tendem a querer famílias mais pequenas e a investir mais na saúde e na educação de cada filho.

› Nos países em que três quartos das mulheres concluíram o ensino secundário, normalmente as mulheres têm dois ou três filhos, é mais provável que os filhos frequentem a escola e a mortalidade infantil baixa enquanto o rendimento familiar aumenta.

› Segundo muitos estudos, um ano de escolaridade para a mãe para além da média no seu país reduz a mortalidade infantil de 5% a 10%.

› Quando as mães são instruídas, geralmente rapazes e meninas frequentam a escola durante mais tempo e estudam mais. Muitas vezes a instrução da mãe é mais importante do que a do pai, sobretudo nos países em que o fosso entre a escolaridade de meninas e rapazes é maior.

› As raparigas que são alfabetizadas e, em particular as raparigas que chegaram ao ensino secundário, têm mais probabilidades de evitar o VIH/SIDA porque conseguem obter melhores informações, defender-se a si mesmas e ter maior controlo das suas vidas.

› Por seu lado, ter uma família mais pequena, mais saudável e mais instruída ajuda a aumentar a produtividade económica, mune as pessoas de meios para entrarem em novas áreas profissionais, reduz as pressões ambientais e abranda o crescimento populacional, o que muitos países consideram mudanças importantes.

■ **Bem-estar das próprias mulheres:** Como sublinha a laureada com o Prémio Nobel, Amartya Sen, quando as mulheres são educadas ganham voz e atividade nas suas vidas, dando-lhes mais oportunidade económicas, encorajando a participação política das mulheres e transformando a sociedade para melhor.

*Estes benefícios começam mais cedo do que pode parecer à primeira vista.* Manter as meninas na escola do 10º ao 12º ano produz rapidamente mudanças positivas. Estas meninas não se casam cedo; enfrentam melhor o século XXI, ajudam as suas famílias e aproveitam melhor novas



Ter professores do sexo feminino – esta está a dar uma aula de saúde na Etiópia – incentiva os pais a enviarem as suas filhas à escola. © Lynn Johnson/National Geographic Society/Corbis

oportunidades à medida que as circunstâncias económicas e sociais mudam.

■ **O círculo vicioso:** Os benefícios de educar meninas começa com o ensino primário mas aumenta se as meninas frequentarem o ensino secundário. Como primeiro passo, muitos países estão a esforçar-se por obter o ensino primário universal (EPU), que é um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio das Nações Unidas juntamente com a igualdade de género. Foram realizados muitos progressos, mas chegou o momento de insistir igualmente no ensino secundário para rapazes e meninas.

Na verdade, fazer isso ajudará a alcançar o EPU. Quando o ensino secundário para as meninas se propagar, elas poderão continuar a obter maiores rendimentos, a assumir papéis fora de casa ou da quinta e alcançar a paridade com os rapazes. Educar um maior número de mulheres e meninas também ajudar a satisfazer a necessidade do governo em termos de professores e profissionais da saúde, o que é crucial para sociedades nas quais as mulheres e meninas devem ser atendidas por professoras e médicas.

### Quando as meninas abandonam a escola

Nos países em desenvolvimento, milhões de meninas ainda frequentam a escola por apenas alguns anos ou não têm acesso à educação. Com a dinâmica recente do EPU, as matrículas aumentaram extraordinariamente desde

2000: em aproximadamente 20% na África Subsariana, em cerca de 15% no Sul da Ásia e em cerca de 10% no Médio Oriente e Norte de África. As matrículas das meninas no ensino primário já eram elevadas no Leste da Ásia e na América Latina.

Apesar dessas conquistas, contudo, subsistem grandes défices, sobretudo em partes do Sul da Ásia e em partes de África. Os défices tendem a ser maiores onde a pobreza é aguda, em zonas remotas e em zonas em que as mulheres e meninas estão mais isoladas socialmente ou onde persistem conflitos. Das 100 milhões de crianças do mundo que ainda não estão matriculadas no ensino primário, cerca de 60% são meninas.

Obviamente, a matrícula não significa automaticamente uma frequência regular. Além disso, alcançar o EPU não garantirá o sucesso escolar a longo prazo para as meninas. Mais milhões de crianças, particularmente meninas, nunca chegarão ao ensino secundário e conseguir passar as meninas para o ensino secundário e mantê-las aí até se graduarem é uma questão crítica, sobretudo na África Subsariana e no Sul da Ásia.

### O que retarda a educação das meninas

Com os benefícios substanciais que há para as famílias e as sociedades devido à educação das meninas, por que é que não há mais meninas na escola? A dificuldade básica é que a maior parte dos benefícios para as famílias, as sociedades e as próprias meninas aumentam quando as meninas crescem, mas as despesas devem ser feitas agora. Apesar de o mesmo se aplicar aos rapazes, em muitas sociedades espera-se que as meninas realizem mais tarefas domésticas e agrícolas do que os seus irmãos, o que pode fazer com que as despesas imediatas, a curto prazo, de educação das meninas pareçam maiores.

Além disso, se os pais esperam que as filhas se casem e deixem a família, educar uma filha pode parecer um investimento menos seguro no futuro do que educar um filho. Mesmo nos países em que o custo do ensino primário e secundário é suportado pelo governo, alguns custos ainda recaem sobre os pais e podem ser substanciais, em particular para pais pobres.

### Custo da educação

■ **Despesas diretas:** Os custos das propinas e dos manuais escolares podem cifrar-se em 5% a 10% do rendimento

médio familiar e em 20% a 30% do rendimento familiar para as famílias pobres

■ **Despesas indiretas:** Às vezes os pais têm que pagar quotas a associações de pais-professores ou complementar os salários dos professores.

■ **Custos indiretos:** Os pais têm que custear coisas como transporte seguro para e da escola ou vestuário de acordo com normas culturais. Estes custos podem ser mais elevados para as meninas do que para os rapazes.

■ **Custos de opção:** A perda do tempo das crianças na realização de tarefas domésticas ou agrícolas ou das suas contribuições para o rendimento familiar quando frequentam a escola podem preocupar os pais, em especial pais pobres. Nas sociedades em que as meninas tradicionalmente realizam mais trabalhos domésticos do que os rapazes, como ir buscar lenha ou água ou tomar conta dos irmãos mais novos, o custo da educação das meninas pode parecer mais elevado para os pais. As meninas podem então ser mantidas em casa com mais frequência do que os rapazes

### O que funciona

Muitos países encontraram formas eficazes de compensar as famílias pelos custos de educação das meninas e de melhorar a qualidade da educação para que valha mais a pena fazer essas despesas. A experiência no ensino primário sugere que uma abordagem com quatro pontos pode funcionar. Tem-se analisado menos o que funciona no ensino secundário, mas é razoável começar com estes quatro pontos.

No Brasil programas de bolsas de estudos para meninas têm dado resultados promissores. Cortesia de Alejandro Lipszyc/The World Bank



## Educar Mulheres e Meninas

■ **Tornar a escolaridade das meninas mais acessível:** A forma mais rápida e direta dos governos estimularem a matrícula e frequência escolar das meninas é reduzindo os custos que os pais têm para educarem as suas filhas.

› Reduzir as propinas escolares: A China e a Indonésia, entre muitos outros países, viram aumentar a matrícula das meninas no ensino primário na sequência de reduções nas propinas no quadro de reformas escolares mais vastas. Por exemplo, a matrícula no ensino primário no Uganda subiu 70% depois das propinas terem sido reduzidas em finais dos anos 90. A matrícula das meninas no Uganda passou de 63% para 83% e a matrícula entre a quinta parte de meninas mais pobres passou de 46% para 82%. O sucesso criou os seus próprios desafios no Uganda como em muitos países – o tamanho médio de uma turma disparou para mais de 100 crianças e a qualidade continua a ser uma preocupação. Contudo, esses desafios surgem devido aos progressos no aumento das matrículas.

› Concessão de bolsas de estudos: Programas de bolsas de estudos podem ajudar a aumentar a matrícula de meninas tanto no nível primário como no secundário. Existem poucos programas de bolsas de estudos em larga escala, mas talvez o mais notável seja o Programa de Bolsas do Ensino Secundário Feminino no Bangladesh. Graças a este programa, aproximadamente dois terços das meninas frequentam agora o ensino secundário, igualando os rapazes. Cada menina das zonas rurais é elegível a uma bolsa de estudos se frequentar a escola com regularidade, obtiver boas notas e não se casar enquanto estiver na escola.

O programa não só ajuda a manter as meninas na escola, mas também incentiva o ótimo aproveitamento académico e adia o casamento precoce. Outro programa bem sucedido de bolsas de estudos é o Progreso, no México, que

concede subvenções a famílias pobres para ajudar a compensar as despesas de mandar os filhos à escola, beneficiando as meninas em particular. O Brasil, o Quênia e a Nicarágua também tiveram resultados encorajadores com programas de bolsas de estudos.

■ **Fazer da escola uma opção prática:** Construir escolas que ministram um ensino de qualidade mais perto do local onde vivem os alunos, formar professores (em particular professoras), fornecer livros e materiais didáticos básicos e facultar um horário de aulas flexível, tudo isso pode ajudar a aumentar a matrícula de meninas na escola. Por exemplo, nos anos 70, a Indonésia deu prioridade à reforma do sector da educação. A Indonésia construiu mais de 60 mil escolas (a um custo de 1.5% do produto interno bruto), recrutou e formou professores e reduziu as propinas escolares. Os indonésios começaram com uma taxa de escolarização no ensino primário de 60% nos anos 70 e atualmente a taxa de escolarização no ensino primário na Indonésia é de cerca de 100% tanto para rapazes como para meninas. A experiência dos países em desenvolvimento mostra o impacto de se ter escolas bem geridas nas proximidades.

■ **Tornar as escolas “amigas das meninas”:** À medida que as meninas crescem a água e o saneamento tornam-se essenciais e não apenas “seria bom ter”. A experiência da África à Ásia mostra que as meninas não ficam na escola durante o período menstrual se não tiverem acesso a água e saneamento. O problema é particularmente crucial para estimular a matrícula e retenção das meninas no ensino secundário.

› Nas sociedades em que mulheres e meninas são tradicionalmente separadas dos homens, garantir a privacidade das meninas através de escolas separadas ou de um horário diferente para elas em escolas partilhadas com rapazes pode ser essencial para aumentar a matrícula das meninas. A experiência no Paquistão e no Afeganistão demonstrou que os pais estão mais dispostos a enviar as filhas à escola se as turmas não forem mistas, sobretudo depois dos primeiros anos do ensino primário.

› É importante que as escolas atualizem os seus manuais e programas para que os materiais didáticos não retratem mulheres e meninas apenas nos seus papéis tradicionais e em vez disso encorajem as meninas a tentarem novas opções profissionais e a participarem mais ativamente na sociedade.

Mulheres marroquinas aprendem matemática básica no âmbito dum programa educativo da USAID.

Cortesia de USAID/Morocos



› Em muitos países, recrutar e formar mais professoras incentiva a matrícula de meninas. Em alguns lugares, em particular onde as mulheres e meninas estão mais isoladas dos homens, por razões de reputação ou segurança os pais podem estar mais dispostos a enviar as suas filhas à escola se interagirem com professoras e não com professores.

› Melhorar a saúde das meninas e certificar-se de que não têm fome também é importante. A desnutrição crônica afeta a capacidade de aprendizagem e é um problema importante em muitas partes do mundo. Por exemplo, um quarto das crianças em África e cerca de dois quintos no Sul da Ásia estão desnutridas. Em varios países em África e no Sul da Ásia os programas de cantinas escolares, às vezes com refeições para levar para casa, aumentam a matrícula e a frequência escolares em 30% a 50% e ajudam a melhorar as notas nos testes. Quando as meninas estão desnutridas e menos saudáveis que os homens tais medidas são particularmente importantes para garantir que as meninas tenham êxito na escola.

■ **Incidir na qualidade do ensino:** Na última década, muitos países concentraram-se em fazer com que as crianças se matriculassem no ensino primário. Contudo, hoje, é cada vez mais urgente incidir na qualidade do ensino e não apenas no número de crianças matriculadas. As crianças, sobretudo nas zonas pobres, muitas vezes aprendem pouco no ensino primário e não estão preparadas para o ensino secundário.

Mais uma vez o problema é mais agudo para as meninas, que podem ter menos oportunidades de frequentar o ensino primário e também de estudar. Se a qualidade do ensino for má, os pais podem considerar desnecessário fazer despesas com a educação dos filhos. Se os pais considerarem essas despesas maiores para as meninas do que para os rapazes, torna-se ainda mais crucial proporcionar um ensino de alta qualidade para as meninas. Surgiram abordagens promissoras para melhorar a qualidade do ensino tais como:

› Formar professores suficientes para manter uma média inferior a 40 alunos por turma.

› Melhorar a formação dos professores para substituir os métodos tradicionais de aprendizagem por abordagens interativas e soluções de problemas, como foi feito no Quênia, na Suazilândia, no Bangladesh e na Índia.



Ruandesas descascam fibras de caule de bananeira para fazerem pensos higiênicos a um preço mais acessível.  
*Cortesia de Sustainable Health Enterprises*

› Fornecer livros e materiais. Em muitos países de baixos rendimentos, as crianças têm que partilhar os escassos livros, mas fornecer livros pode estimular a matrícula e o aproveitamento. No Peru, por exemplo, a distribuição gratuita de livros melhorou a probabilidade de haver 30% de matrículas das meninas nas escolas.

› Elaborar programas escolares que formam as crianças para o século XXI e para empregos modernos, com ensino alargado de matemática e ciências, como no Brasil e na Índia. A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) implementa vários programas para melhorar o ensino de matemática e de ciências. A USAID está a trabalhar atualmente com os ministérios provinciais e federais da educação do Paquistão e os Institutos Americanos de Investigação para expandir o ensino de matemática e ciências no país. Uma dessas tentativas, o projeto ED-LINKS, fornece kits de matemática e ciências a escolas paquistanesas, abrangendo mais de 180 mil estudantes.

■ **Mobilizar comunidades:** Para educar meninas, em especial nas zonas mais pobres, é crucial mobilizar comunidades para que se comprometam a educar todas as crianças, encontrar um professor aceitável, encorajar professores e alunos e ajudar a satisfazer as necessidades práticas de escolas, alunos e professores. Várias destas medidas tiveram resultados positivos.

› No Bangladesh, o Comitê de longa data de Ação Rural do Bangladesh (BRAC) agora disponibiliza escolas informais a mais de 1 milhão de crianças extremamente desfavorecidas, das quais dois quartos são meninas, no âmbito dum esforço mais alargado, focalizado na mobilização dos pobres em todo o Bangladesh para se ajudarem a si mesmos. Mais de 90% dos alunos passaram no exame do 5º ano do ensino público e passaram para o ensino secundário. A abordagem do BRAC está agora a ser experimentada em vários outros países incluindo Afeganistão, Paquistão, Tanzânia, Uganda e Sudão.

› No estado de Rajasthan na Índia, um programa agora em 500 escolas (e estendendo-se a mais de 2.300), patrocinado por Educar as Meninas Mundialmente, trabalhou com as comunidades e o governo estadual durante dois anos para levar quase todas as meninas às escolas primárias públicas. O programa também introduziu um ensino mais interativo, que teve como resultado grandes melhorias nas notas após alguns meses.

› Em partes da província de Baluquistão no Paquistão que não têm escolas públicas, o governo provincial e organizações não governamentais trabalharam com as comunidades nos anos 90 para organizar escolas comunitárias. As

professoras, muitas delas jovens adolescentes, foram selecionadas pelas comunidades, formadas e pagas pelo governo. Em quatro anos, foram organizadas quase 200 escolas e 87% das meninas foram matriculadas, em comparação com a média provincial de 18% de matrículas de meninas.

› Os programas do Mali de participação comunitária na educação contribuíram para aumentar a escolarização das meninas em cerca de dois terços e melhorar as suas notas nos testes.

### A vontade de agir

Sabe-se muito sobre como levar as meninas para a escola e ajudá-las a manter-se até ao fim do secundário. Contudo, fazer o trabalho é principalmente uma questão de vontade política quando se decide como utilizar recursos escassos. A educação terá prioridade? À medida que cresce a compreensão de até que ponto e com que rapidez a educação pode resultar em benefícios tangíveis para as meninas, as suas famílias e os seus países, mais comunidades podem fazer apelo à vontade política e aos recursos para conceder a meninas e rapazes acesso igual a ensino de qualidade. Países como o Brasil, a China e a Índia, que tomaram a dianteira em termos de desenvolvimento económico, investiram – e continuam a investir – na educação. Os países que querem ser competitivos economicamente agora e no futuro e garantir bons níveis de vida para o seu povo não podem tomar uma medida melhor do que educarem os seus jovens – tanto rapazes como meninas – hoje.

*Nota: Este artigo foi extraído principalmente de “O Que Dá Resultado na Educação das Meninas:*



Estudantes na Tanzânia participam num campo de ciências para meninas em Zanzibar, onde estudam ciências, matemática e inglês. Cortesia da USAID.

*Dados e Políticas do Mundo em Desenvolvimento” Herz, Barbara e Gene B. Sperling, 2004. Washington, D.C.; Conselho das Relações Exteriores. Este artigo apareceu no eJournal USA: Educar Mulheres e Meninas, Vol. 15, No. 12; faça o download do artigo completo em <http://goo.gl/j1bz7>. As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente as opiniões ou as políticas do governo dos EUA.*

Barbara Herz é especialista em política de educação de meninas. Membro do Conselho de Relações Exteriores, Herz trabalhou para a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional e o Banco Mundial. No Banco Mundial Herz começou na Divisão Mulheres e Desenvolvimento e dirigiu o trabalho do banco na área da educação e da saúde no Bangladesh, no Paquistão e em Sri Lanka. Herz tem um doutoramento em economia pela Universidade de Yale.

